

PRÊMIO NOBEL 2015

CONSUMO, POBREZA E BEM-VIVER

A Real Academia Sueca de Ciências intitulou o prêmio concedido a Angus Deaton de 'Consumo, pobreza e bem-estar'. No texto da comissão avaliadora, as contribuições científicas realizadas por ele nos últimos 40 anos foram reorganizadas em três vertentes: i) modelos de demanda de grupos de despesas de consumo (alimentação, habitação etc.), que já haviam premiado seu mestre, o britânico Richard Stone (1913-1991), com o Nobel em 1984; ii) estudo da escolha entre consumo e poupança, objeto dos prêmios conferidos ao italiano Franco Modigliani (1918-2003), em 1985, e ao norte-americano Milton Friedman (1912-2006), em 1976; iii) e, por fim, estudos sobre pobreza e bem-estar, que já haviam conferido o Nobel ao indiano Amartya Sen, em 1998 (ver 'Desigualdade, pobreza e fome', em *CH* 145).

Eu ainda englobaria um quarto elemento – não citado pela comissão – do trabalho de Deaton: indicadores subjetivos, que também já renderam o Nobel ao americano-israelense Daniel Kahneman, em 2002 (ver 'Experimentação e dimensão psicológica dos fatos econômicos', em *CH* 189).

Se todos os temas citados já foram objeto de premiações anteriores, qual é a lógica de concessão do Nobel a Deaton? Na minha opinião, o prêmio vem por sua capacidade de encarar de frente as escolhas humanas fundamentais envolvendo pessoas, coisas, instantes do tempo e estados da natureza, por meio da rara combinação de rigor com relevância, aí englobando aspectos distintos, como medição, teoria e avaliação empírica. Segundo o próprio premiado, seu mérito maior foi integrar estatística, sociologia e economia.

Mais que a soma de suas notáveis contribuições originais, o prêmio se deu pelo conjunto da vasta obra.

Outra motivação para a premiação são as consequências diretas do trabalho de Deaton na vida das pessoas, seja pelo desenho de melhores indicadores, pela construção de políticas públicas em bases mais sólidas ou pela melhor avaliação empírica dos impactos obtidos. Ele consegue inovar em partes-chave da disciplina, sem perder a direção de progresso do todo.

Como professor, Deaton transmite a seus alunos a atração irresistível de tentar seguir seus passos, multiplicando frutos no caminho – tive o prazer de dizer isso a ele pessoalmente no ano passado. Os livros dele conseguem superar seus seminários, refletindo sua capacidade de alinhar os elementos centrais na primeira e



FOTO: G. RINCOI / FREE PRESS



ECONOMIA

Angus Deaton • Nasceu em 1945, em Edimburgo (Escócia). É anglo-americano. Fez sua graduação, seu mestrado e doutorado (1974) em economia na Universidade de Cambridge (Reino Unido). É professor de economia e relações internacionais na Universidade Princeton (EUA) desde 1983.

FOTO: DIVULGAÇÃO

derradeira narrativa econômica que envolve os trajetos de princípios a evidências; de escolhas a resultados; de indivíduos a sociedades.

Consumo é a principal despesa agregada — em particular, entre os pobres. É o tema mais presente nas primeiras páginas dos livros-texto, tanto de microeconomia quanto de macroeconomia. Na verdade, ninguém endereçou a ligação entre esses dois níveis de análise com a precisão e clareza do livro dele com o britânico John Muellbauer, de 1980, *Economics and consumer behaviour* (Economia e comportamento do consumidor).

Deaton, nascido na Escócia, berço da economia, sabe como ninguém a importância de se adaptar às novas exigências e aos desafios de seu tempo. Em 1974, estimou equações de despesas de consumo das famílias e inventou o ‘Sistema quase ideal de demanda’, que se tornou a pedra angular do campo.

Na macroeconomia, quando a moda era a ferramenta econométrica denominada cointegração (análise das propriedades comuns de longo prazo das séries estatísticas de tempo), o chamado ‘paradoxo de Deaton’ mostrou que o consumo deveria variar tanto quanto a renda — mas não o faz. A partir disso, Deaton revelou a necessidade de se usar bases de dados desagregados (ou seja, separados por sexo, idade, educação, renda familiar etc.).

Em 1985, Deaton inventou os chamados ‘pseudopainéis’, que permitiram estudar a dinâmica da renda e do consumo ao longo da vida, sem ter que acompanhar a trajetória de cada indivíduo. Depois, mos-

trou como a desigualdade, na mesma geração, tende a crescer ao longo da vida. Seu livro de 1992, *Understanding consumption* (Entendendo o consumo), é ainda hoje a obra mais bem escrita sobre o dilema da escolha entre consumo presente e futuro.

Deaton foi decisivo no desenho, na utilização e na disseminação, mundo afora, das bases de microdados domiciliares (levantamentos de informações sobre as pessoas em suas casas). A construção dos LSMS (sigla, em inglês, para Pesquisa de Medição dos Padrões de Vida), aplicados em diversos países em desenvolvimento pelo Banco Mundial, transformou a forma como se aborda a política pública nesses lugares. Seu livro de 1997, *The analysis of household surveys* (A análise de pesquisas domiciliares), é referência obrigatória.

O autor transcendeu o papel de acadêmico rigoroso e resgatou a tradição de intelectual público, que, por meio do debate de ideias, influenciou o desenho de políticas em países diversos, como África do Sul, Paquistão e Índia. Ele comprovou em seu livro de 2013, *The great escape: health, wealth, and the origins of inequality* (A grande escapada: saúde, riqueza e as origens da desigualdade), que a queda da pobreza mundial, nos últimos 30 anos, foi a maior da história estatisticamente documentada da humanidade, apesar do aumento da desigualdade no interior da maioria dos países. Ao mesmo tempo, contribuiu decisivamente com a construção de metas globais de pobreza, para impulsionar a continuidade desse progresso, como os ‘Objetivos de Desenvolvimento Sustentável’, da Organização das Na-

ções Unidas, os quais comprovam sua capacidade de se adaptar aos novos tempos, assim como de moldá-los

De maneira geral, seus estudos não o permitiram rejeitar a importância central do nexos renda-consumo, na disciplina econômica, a qual, ainda no século 19, ganhou o título de ‘a ciência triste’ (*the dismal science*). Nos últimos anos, Deaton conectou meios aos fins, entrando nos meandros da psicologia da formação das preferências do ‘*Homo economicus*’, algo em geral visto como um dado externo à realidade. Assim, ele alinha a teoria com a evidência por meio do uso de indicadores subjetivos de bem-estar, ou melhor, de bem-viver (*wellbeing*), termo que, não por acaso, nomeia seu centro de pesquisas em Princeton (EUA).

Deaton demonstra, ainda em seu livro de 2013, que, em um conjunto mais amplo de países, incluindo os mais pobres, há relação mais próxima entre renda e satisfação com a vida do que supunham os estudos anteriores. Ele, entretanto, demonstra que, dentro dos países, há um ponto de saturação aos US\$ 75 mil anuais (cerca de R\$ 300 mil), no qual mais dinheiro não traz mais felicidade.

Ironicamente, portanto, o impacto da premiação do Nobel de Economia em sua vida será mais pelo reconhecimento do que pelos recursos.

MARCELO CÔRTEZ NERI

CENTRO DE POLÍTICAS SOCIAIS (FGV SOCIAL) E ESCOLA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA (EPGE), FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (RJ)